

“O alienista”,

um conto

dostoiévskiano?

Boris Schnaiderman

Resumo O ensaio trata da proximidade entre Machado e Dostoiévski na crítica que ambos os escritores fizeram ao racionalismo extremado de seu tempo. A partir da análise de passagens do conto “O alienista”, o autor defende que Machado seja um dos escritores em que mais se sente o pulsar da história, embora o narrador do conto não se detenha nos fatos históricos, preocupado que está em expressar o grande problema da coexistência de razão e desvario. **Palavras-chave** Machado de Assis; Dostoiévski; ficção; história.

Abstract *This essay is about the proximity between Machado de Assis and Dostoevsky, given that both writers criticized the extreme rationalism of their time. By analyzing parts of the short story “O alienista”, the author supports the thesis that Machado de Assis is one of the writers in which the pulse of history can be most felt, even though the short-story’s narrator does not pay too much attention to historical facts, since he wants to express the big problem generated by the coexistence of reason and insanity.*
Keywords *Machado de Assis; Dostoevsky; fiction; history.*

O grande pensador russo da cultura, Iúri Lotman, desenvolveu em mais de um de seus trabalhos a idéia de que uma obra de literatura não é apenas o seu texto escrito, mas também todas as leituras que se fizeram dele, todas as interpretações a que deu origem. Se a idéia parece perfeitamente correta, convém acrescentar — e isso está de acordo igualmente com certas formulações de Lotman — que o desenrolar da história lança uma nova luz sobre determinados textos.

No meu entender, esse fato se liga ao que há de premonitório numa grande obra, conforme já se afirmou mais de uma vez, à capacidade que tem um escritor de apontar para elementos que só vão aparecer claramente mais tarde. Penso que não há nisso nada de sobrenatural, é apenas uma questão de sensibilidade aguçada.

Tudo isto se aplica particularmente a *O alienista*, de Machado de Assis, e este acaba expressando algo de cuja existência seus contemporâneos não podiam sequer suspeitar.

Este trabalho constitui ampliação de um artigo publicado no Suplemento Cultura de *O Estado de S. Paulo*, que saiu com o título “O bruxo do Cosme Velho — Nos seus escritos, a história pulsa”, dado pela redação, 1º.7.2000.

Já se escreveu muito sobre a crítica ao positivismo que há em Machado. Em *O alienista*, essa crítica é bem circunstanciada e contundente, dirigida em particular contra o cientificismo estreito corrente na época. Nesse sentido, ele está muito próximo de Dostoiévski. Aliás, no prefácio à tradução russa de *Dom Casmurro*,¹ a estudiosa de literatura Ina Terterian afirma que seria importante pesquisar a influência de Dostoiévski sobre Machado. Certamente, este conhecia o romancista russo, que chega a citar numa crônica, a propósito dos “mistérios do mundo eslavo” (*A Semana*, 16.12.1889), além de outras referências igualmente ligeiras. Mas ele o conheceria a ponto de ficar marcado? Isso parece pouco provável.

Data do início da década de 1880, no Ocidente, o grande impacto da literatura russa (aliás, na esteira de uma aproximação suscitada por motivações bem extraliterárias, ligadas a certas circunstâncias da competição entre as potências europeias), antes disso circulavam apenas uns poucos títulos. Ora, *O alienista* saiu em 1882. Ademais, nas traduções francesas (e foi por meio da França que se deu aquela difusão maior), costumava-se então simplesmente eliminar os trechos de reflexão, pois os editores os consideravam incompatíveis com o que o leitor francês esperava de um romance ou conto. Teria Machado recorrido às traduções alemãs, como faria pouco depois André Gide? Não parece plausível, apesar de certa familiaridade de nosso escritor com textos alemães, que ele chega a citar no original.²

De um jeito ou de outro, porém, há uma proximidade muito grande entre a posição de Machado e a violenta crítica de Dostoiévski ao racionalismo extremado de seu tempo. E tal como na obra deste, há uma verdadeira advertência sobre o desvario a que ele pode levar. Simão Bacamarte desce ao fundo do poço

1 Machado de Assis, *Dom Casmurro*, Moscou, Gossudárstvienioie Izdátielstvo Khudójestvienoi Litieratúri (Editora Estatal de Literatura), 1961, tradução de T. Ivánova.

2 Baseio-me, agora, em várias passagens de suas crônicas. Por exemplo, escrevia em *A Semana*, 11 de junho de 1893: “Há algumas idéias boas nesta casaca, dizia o alfaiate de um grande poeta. *Es liegen sinige gute Ideen in diesen Rocke*” (nota de John Gledson para a edição das crônicas de Machado em *A Semana* em 1892-93 (São Paulo: Hucitec, 1996): “Heinrich Heine (1797-1856): citação favorita de Machado.”). É verdade que, segundo lembra José Paulo Paes em *Tradução: a ponte necessária* (São Paulo: Ática, 1990, p. 21), Machado confessava, no livro de poesia *Falenas* (1870), que não conhecia alemão, mas, acrescento eu, é provável que o tenha aprendido depois disso. De fato, ele estudou alemão bem mais velho, se não me engano por volta de 1890.

com a sua obsessão de examinar tudo cientificamente. (E o próprio nome não terá também um caráter de advertência: o bacamarte que ameaçava então a vida dos humanos?)

Todo o conto se desenvolve como uma demonstração da impossibilidade de se estabelecer a distinção formulada pelo cientista, seu personagem central: “[...] a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?”

Lembre-se que, preocupado em fixar justamente essa fronteira, o cientista consegue a conivência da Câmara Municipal de Itaguaí, onde a ação se desenrola, para encerrar na Casa Verde, o manicômio cuja construção ele providenciou, aqueles habitantes da cidade que ele considerava privados da razão, ou pelo menos suspeitos disso. Ora, modificando o seu critério sobre a delimitação entre a razão e a loucura, seria preciso soltar uns e encerrar outros e, como desenvolvimento perfeitamente lógico da proposição inicial, o próprio cientista acabaria trancafiando-se na instituição que fundara.

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a 17 meses, no mesmo estado em que entrou sem ter podido alcançar nada.

É curioso observar como essa imagem do psiquiatra que acaba internado no próprio manicômio em que trabalhava aparece mais de uma vez em literatura. Veja-se, nesse sentido, o conto “Enfermaria nº 6”, de Tchekhov, que é de 1892.³ Evidentemente, o contista russo não poderia conhecer o texto de Machado, mas, embora o enredo seja bem diferente, a preocupação central é muito semelhante, com as mesmas dúvidas sobre a fronteira entre a sensatez e a loucura.

Sem dúvida, Machado se mostra implacável ao desmascarar as tentativas de delimitar exatamente aqueles territórios e, também, o absurdo das prerrogativas atribuídas a uma instância que determinasse quem podia e quem não podia viver em liberdade, devido a essas ou aquelas características de sua pessoa. E a sua crítica

³ Traduzido por mim para o livro: TCHEKHOV, A. P. *O beijo e outras histórias*. São Paulo: Boa Leitura Editora, 1962, que teve depois sucessivas edições pelo Círculo do Livro e pela Abril Cultural, ambas de São Paulo.

verrumante e incisiva adquire para nós, que passamos pela experiência histórica do século xx, uma veemência que os contemporâneos do escritor não podiam sentir. Com efeito, a fé cega de Simão Bacamarte, que decide os destinos da população de Itaguaí, lembra os desatinos do nazismo, inclusive os experimentos de Mengele com seres humanos.

Há passagens no conto que fazem pensar numa clarividência histórica assombrosa em Machado. É o caso daquela atitude da Câmara Municipal de Itaguaí, aprovada por instigação do cientista, que autorizava o uso de um anel de prata no polegar da mão esquerda a todo habitante que declarasse ter sangue godo nas veias. Ora, *O alienista* é contemporâneo da teorização racista de Chamberlain, Gobineau e certos antropólogos alemães. Aliás, seria muito fácil apontar na literatura brasileira de então exemplos da marca forte deixada por essas teorias. O espantoso, realmente, é a sensibilidade com que Machado percebeu aonde essa preocupação “científica” poderia levar.

Em lugar de se deixar empolgar pelo cientificismo da época, ele parece bem cômico do aforismo de Pascal sobre a loucura: “*Les hommes sont si nécessairement fous que ce serait être fou par un autre tour de folie de n'être pas fou*” que seria citado por Foucault logo no intróito de uma das versões de sua *História da loucura*.⁴

O mesmo tema aparece nas palavras do narrador do conto *Bobók*, de Dostoiévski, que é de 1873, mas que Machado certamente não conhecia:

Lembro-me de um gracejo espanhol, que surgiu quando os franceses, há dois séculos e meio, construíram em seu país o primeiro manicômio: “Eles trancaram todos os seus imbecis numa casa especial, para convencer os demais de que eles mesmos eram inteligentes”. Mas realmente, trancando alguém num manicômio, não se vai convencer ninguém de sua própria inteligência.

Por conseguinte, com *O alienista*, Machado se inscreve entre os que souberam presentir que a relação entre o racional e a loucura não se enquadra nas normas rígidas em que se pretendia encerrá-la. E, na realidade, era um tema de sua constante preocupação. Basta pensar, nesse sentido, em como ele vai aparecer em *Quincas Borba*.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Union Générale d'Éditions, s/d.

Em “O conto alexandrino”, de *Histórias sem data*, figuram as maiores atrocidades que podem ser cometidas em nome da ciência. Eu li esse conto há muitos anos, provavelmente ainda antes da guerra, e a lembrança que me ficou foi a de uma narrativa alegórica, sem relação direta com a nossa vida de todos os dias. Mas o século xx, com os seus desvarios, mostrou o que há de verdade histórica e realidade atual nesse conto de argumento que parece tão distanciado no tempo.

Na esteira do que Astrojildo Pereira ensinou a ver, e depois que tantos críticos nossos apontaram para o que havia de errado na concepção de um Machado avesso à realidade histórica e política, tenho agora a impressão: Machado é um dos escritores em que mais se sente o pulsar da história. Assim, não é por acaso que o narrador de “D. Paula”, em *Várias histórias*, diz: “[...] tudo isso era como as frias crônicas, esqueleto da história, sem a alma da história”. Portanto, muito antes de Braudel, Machado já estabelecia distinção entre a história de longa duração e os fatos imediatos, que seriam do âmbito da crônica e do jornalismo.

É verdade que, em *O alienista*, aparece a “revolta dos Canjicas”, bem ao jeito das revoltas da época imediatamente anterior a Machado, como os Farroupilhas, os Cabanos, os Praieiros etc. Mas o narrador não se detém nela, preocupado como está em expressar os fatos do grande problema da coexistência de razão e desvario.

Deixando de lado o episódico, o acessório, Machado em *O alienista* mergulha nos grandes temas da condição humana. E ao mesmo tempo, tão diferente de Dostoiévski em termos de construção literária, aproxima-se deste no modo de encarar a psique humana e as limitações que lhe são impostas.

Boris Schnaiderman é professor emérito da USP, onde lecionou língua e literatura russa entre 1960 e 1979. Traduziu diretamente do russo várias obras de Dostoiévski, além de outros autores, como Tolstói, Tchekhov, Púchkin, Górkí. Autor de *A poética de Maiakóvski através de sua prosa* (Perspectiva, 1971), *Dostoiévski prosa poesia* (Perspectiva, 1982), entre outros.